



Foto: Grupo de Pesquisa Narramazônia

Entrevista com Vânia Torres

por Alcione do Nascimento Carepa

1) Professora, a senhora é responsável pelo documentário que retrata o “Grupo do Peixe Frito”. O que a motivou, uma jornalista experiente, a tratar deste assunto, um tanto esquecido da História paraense?

Professora Vânia Torres: Eu não estou sozinha na direção deste documentário. Estamos eu e o professor Paulo Nunes da Unama. Assim como no projeto que estuda a conhecida “Academia do Peixe Frito”, também é de autoria compartilhada com o professor Paulo Nunes. Foi exatamente este projeto, que iniciou em 2016, a partir dos estudos do professor Paulo Nunes a respeito de Dalcídio Jurandir e os seus companheiros de produção da primeira metade do século XX que nos motivou a fazer uma produção áudio visual. Nós queríamos levantar essa memória. Até por que, muitos dos filhos e parentes desses escritores já são idosos. O que a gente tentou fazer aqui, foi esse registro da memória documental e principalmente, para que no futuro este material seja utilizado como material didático nas escolas públicas.

2) A Academia do Peixe Frito é uma associação de intelectuais que associou a experiência da literatura com a do jornalismo. O que se pode aprender da experiência deste grupo que não pôde passar despercebido no documentário que a senhora dirigiu?

Professora Vânia Torres: Estes senhores acadêmicos tinham uma experiência incrível de revolucionar, de pensar, de desconstruir essa Belém que tinha uma literatura canônica associada à classe alta. Então, o que aprendemos, foi o modo como eles buscaram a inversão desse olhar, trouxeram a periferia, as vozes dos bairros periféricos de Belém, trouxeram a experiência dos pretos, do samba, da música, da literatura, da vida dessa gente do Ver-o-Peso. Eles procuraram ser este movimento de resistência. Eram homens autodidatas, com pouco estudo, então o que a gente aprende com eles é exatamente essa resistência da cultura popular.

3) Sabemos que os Acadêmicos do Peixe Frito eram homens que tinham família, mulher, filhos e que estes, viveram junto aos movimentos e encontros entre esses intelectuais. De que modo essas famílias são responsáveis por difundir, através de suas narrativas, histórias que trazem à cena a movimentação desse grupo de escritores no entorno do Ver-O-Peso. De que modo o seu documentário é fiel a esta proposta? Ou há algo mais importante a revelar que ainda não esteja claro na história desses acadêmicos?

Professora Vânia Torres: Essa é uma pesquisa que ainda há muito a revelar. Nós usamos vários trabalhos acadêmicos já produzidos sobre eles, mas a nossa pesquisa também é importante por que a gente foi ouvir ao vivo essas pessoas. A filha do De Campos Ribeiro, por exemplo, a família do Bruno de Menezes. Eu acho que há ainda muito o que fazer. Fomos

ENTREVISTA

Asas
da palavra

VOL. 15 | N. 1 | JUL. 2018
ISSN 1415-7950

buscar o feirante mais antigo do Ver-o-Peso que chegou a ver esses acadêmicos reunidos. Então a questão que eu vejo é de recuperar e organizar esta memória, de tornar público este estudo, de fortalecer esta literatura Amazônica que ainda é muito pouco conhecida nas escolas.

4) Como a senhora pode detalhar este movimento de associar a prática, que é produzir um documentário, junto ao processo da pesquisa acadêmica e de que modo, esta relação, pode ajudar os amazônidas a conhecer esta história que ainda é pouco retratada nas escolas e em livros didáticos?

Professora Vânia Torres: Eu acho que a ferramenta áudio visual é importantíssima para a pesquisa, eu aprendi muito com esse trabalho. Por exemplo: duas das pessoas que nós entrevistamos, que foram a filha do De Campos, a dona Maria do Céu e o filho do Bruno de Menezes, o Monsenhor Geraldo Menezes, faleceram após as entrevistas, o que quer dizer isso?

Nós ficamos com um documento riquíssimo. Os registros internos da casa do Bruno de Menezes são registros raros, depois da morte do monsenhor, a casa da João Diogo 26 foi entregue a outros familiares, ou seja, desfez aquele cenário inicial e hoje a gente tem um documentário riquíssimo para pesquisa de registro desses fatos, desses lugares, dessas pessoas, de documentos, além de que o áudio visual é um atrativo, já que estamos vivendo na geração imagem. Este documentário é um material importante, não só para a educação de base, mas para o ensino universitário e da pós-graduação. Portanto, eu pretendo usar cada vez mais essa ferramenta áudio visual para o estudo e para a pesquisa.

Vânia Torres Costa é Doutora em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense (UFF), Atualmente é professora adjunta e vice-coordenadora da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal do Pará (UFPA), onde coordena o projeto 'Estrada de Ferro Belém-Bragança: sujeitos, memórias e interações comunicacionais na Amazônia paraense'. É uma das coordenadoras do projeto Narramazônia - grupo de estudos e pesquisas sobre Narrativas Contemporâneas na Amazônia Paraense - parceria entre UNAMA (PPGCLC) E UFPA (PPGCOM). Coordena o projeto de Pesquisa Academia do Peixe Frito, que discute Literatura, jornalismo e Negritude no Pará (UFPA/UNAMA). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7517564393392394>.



ENTREVISTA

VOL. 15 | N.1 | JUL. 2018
ISSN 1415-7950

Asas
da palavra